

RELAMPAGO

QUINZENARIO SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

COLLABORADORES

Albano Coelho; Arthur Soares; Augusto Peixoto; Azevedo Coutinho; Bertha Lima (D.); Braulio Caldas; Domingos Tarrozo; Eduardo Cunha; Faria Junior; Fernando Coelho; Gonçalo Sampaio; João Belzebut; João Dias; José Parreira; Pereira Caldas; Tito Manlio; Vicente Noveas, etc., etc.

CHARADISTAS

Augusto Infante; G. Caetano; Heitor Servade; José Velloso; Lirio Roixo; M. J. G. Ribeiro; Pequeno Antoninho; Xavier Rodrigo, etc., etc.

SUMMARIO :

A especie—*João Belzebut*; Nunca mais (poesia)—*Albano Coelho*; Ingenuidade—*Fernando Coelho*; Perfis (poesia)—*Faria Junior*; Vislumbres do passado (poesia)—*Arthur Villaca*; O Pedaco d'Oiro—*Faria Junior*; Contemplações (poesia)—*R. Pereira*; Ridendo—*K*; Horas d'ocio—*diversos*; Expediente.

A especie

Os seres são uns, e são diversos; foi o iminentissimo sabio Geoffroy Saint-Hilaire, author da conhecida theoria d'unidade de composição organica que deu e evidenciou, com a maxima claresa, a philosophia das similhanças; a philosophia das differenças—conforme a expressão do mesmo preclaro zoologo—fica por estabelecer.

Duas explicações, duas escolhas, dois homens, e por signal d'um poderosissimo talento, Jorge Cuvier e Lamarck, estão em presença.

Segundo o primeiro, tanto os typos vegetaes como os animaes são, desde a sua origem, o que são actualmente:—são immutaveis.

Conforme Lamarck, os seres actuaes, e especialmente os mais elevados d'entre elles, proveem, por uma serie de transformações graduaes e progressivas, de seres primitivamente muito simples e produzidos espontaneamente.

Foi esta theoria que, segundo as opiniões mais esclarecidas é anterior á do celebre transformista inglez Carlos Darwin, deu largo assumpto para as mais renhidas potemicas scientificas, d'onde tem brotado luz vivissima que tem desentenebrecido os mais reconditos problemas zoologicos, se bem que algum dos quaes estão, e estarão infelizmente sem a difinitiva e desejada solução.

O sabio Isidoro Geoffroy não adopta nem uma nem outra. Consulta os factos, e depois d'uma profunda analyse, elle que tinha uma alta comprehensão scientifica, formula a conclusão seguinte:

«Os caracteres dos seres organicos não são fixos senão quando as circumstancias permanecem as mesmas; se ellas mudam, e segundo o sentido e grau de mudanças que ellas experimentam, a organisação modifica-se, e produzem-se novos caracteres cujo valor pode ser especifico e mais que especifico».

Mas quando, em todo o brilho do mais raro talento, estava prestes a diser a ultima palavra so-

bre a sua demonstração e a pôr de parte tudo o que entendia estar em desaccordo com a sua veridica conclusão contra a fixidez do typo foi que, malgradamente para a sciencia, elle morreu deixando ao futuro, como muito bem disse um distincto escriptor, o cuidado de tirar da grande verdade que poz fora de duvida todas as consequencias theoricas e praticas que ella encerra.

Braga.

João Belzebut.

Nunca mais

Não posso mais soffrer no peito o peso enorme
Do teu amor funesto e louco e desleal.
Eu sinto dentro em mim um coração que dorme
Arrefecido já p'ra tudo o que é ideal.

Não posso mais amar-te, o coração m'o diz.
Sonhei em ti, mulher, um santo amor, tão puro
Quaes são as açucenas ou quaes as flores do lys...
Mas, ha! tu és mulher, és barro do monturo!

Tu foste quem beijaste o labio casto ainda,
O labio virginal d'uma creança honesta.
E eu sonhei então, n'uma doçura infinda
Uns sonhos bons d'amor... porém, d'isso que resta?

Um gelo sem limite, um frio tumular
Que envolve um coração sem crença já sequer!
Não posso mais soffrer a luz do teu olhar,
Não posso mais amar-te, oh! nunca mais, mulher!

Os sonhos bons d'amor, os beijos teus, escuta:
Não podem mais voltar nem mesmo os apeteço;
Porque elles têm veneno assim como a cicuta
E brota d'elles fel, que odeio, que aborreço.

Não mais a minha lyra amante, apaixonada,
Será do teu amor captiva um só momento;
Não quero mesmo vêr-te uma só vez lembrada
No meu revolto, ardente e triste pensamento.

Não valem rogos vão nem mais hypocrisia!
Não valem juras vis nem valem falsos ais!
Levanta-se entre nós, penhor de vilania,
Como um letreiro eterno, a phrase—NUNCA MAIS!

Braga—maio de 1886.

Albano Coelho.

Ingenuidade

A Antonio José Moreira.

Ah! patife, se te apanho...

E não disse mais nada, porém, no rosto vermelho, tão vermelho como um tomate bem maduro, estampara-se-lhe a raiva de que estava possuído e de que procurava livrar-se por meio de gestos ameaçadores que fazia na direcção de um rapaz que fugia a bom fugir.

Despertaram-me a atenção os modos iracundos do pobre homem e ainda mais os retalhos de phrases, que podia entender no meio da confusão produzida pelas visinhas que se lhe reuniram e que em tudo estavam conformes com elle:

—E' um tratante, é; snr. Almeida...

—E' um maroto... E' um este; é um aquelle; e iam empregando quantos adjectivos e substantivos lhes lembravam e que podiam ser synonymos dos dois que aproveitei.

Eu, com franqueza, preferia satisfazer o desejo do homem; deixaria que me possesse os ossos como salada, mas não consentiria nunca que me retalhassem assim a minha reputação de rapaz serio e honrado que por enquanto sou!

Movido por um desejo irresistivel de saber a causa de todo aquelle motim, fui-me approximando, insensivelmente, do grupo, e assim, como quem não dá importancia ao que se passa, com uns ares de completa indifferença, perguntei:

—O que foi isto?

Eu não me dirigira a ninguem, contava porém com a obsequiosa attenção peculiar em todas as mulheres que, fazendo-se muito prestaveis, não se importam senão de descobrir assumpto para murmurarem da vida alheia. E não me enganei no meu conceito porque, apenas fiz a pergunta, logo uma d'ellas se me dirigiu e, mostrando-se admirada pela minha ignorancia me interrogou tambem:

—O que! pois não sabe ainda?

—Não; não sei. Respondi naturalmente.

—Pois eu lhe explico. Aquelle maroto do Ricardo das Neves, que mora ali abaixo na rua da Batalha, e que o senhor talvez ainda visse quando ia a fugir, havia uns dias que não largava a porta aqui do snr. Almeida; nós, já se sabe, não nos importavamos com isso, e de mais julgavamos que elle andaria a fazer namoro a algumas das filhas; não sei se o senhor sabe que elle tem duas filhas lindas como os amores...

—A mais velha é a mais bonita, é verdade?

Interrompi eu, desejoso de que me não desmentisse.

—Ambas ellas são bonitas. Mas, como lhe ia dizendo, nós julgavamos que era por causa de alguma d'ellas que o Ricardo andava por aqui; porém hoje saíram todos e o rapaz lá foi tambem atraz d'elles; quando voltaram era quasi noite e elle sempre a seguil-os. Pouco depois a mãe veio fechar as janellas do primeiro andar e n'essa occasião o Ricardo tirou uma carta do bolso e mostrava-se disposto a atirar-lh'a, se ella não as fecha depressa. Como boa esposa que é foi logo dizel-o ao marido que queria correr o meliante a pau, e que era muito bem feito. Não lhe parece?

Perguntou a minha informadora em modo de conclusão.

—Que sim, que era muito bem feito; disse-lhe, e, agradecendo-lhe, afastei-me.

*

Ninguem reparára que em uma das janellas do 2.º andar, tão indifferente como eu ao que se passava em baixo mas com a vista persistentemente fixa para o lado por onde fugira o rapaz, estava a filha mais nova do senhor Almeida.

Comprehendia por fim o engano do pobre rapaz, e, pouco depois, ria-me a bom rir da ingenuidade de toda aquella gente, com... a filha mais velha.

Porto, Maio de 1886. Fernando Coelho.

Perfis

O teu corpo esculptural,
Tua cintura franzina,
E' um typo todo ideal
Creado na téla fina,
D'algum eximio pintor;
Essa tua mão peq'nina
Essas tuas faces—flor,
São tinctas de cor divina;
Esses labios nacarados
Esses dentes de marfim,
Esses cabellos doirados...
—Parecem d'um cherubim.

Braga—86

Faria Junior.

Vislumbres do passado

Quando olhei para ti, tudo sorria...
Tudo me eram venturas, tudo amor!
Hoje, que olho p'ra ti com mais ardor,
Não te vejo o sorrir que d'antes via!

E' que hoje, oh! meiga luz da minha aurora!
No teu sorrir tão franco e divinal
Não tens aquella graça original
Que tinhas no sorrir meigo d'outróra!

Porque então teu sorrir era singello,
Era mais casto, mais sagrado emfim!
Porque então te sorrias para mim
Co'a candidez d'um astro puro e bello!

Braga 1886.

Arthur Villaça

O Pedaco d'Oiro

CONTO

(A. de Laiglesia)

Pelos annos da conquista americana, chegou da Nova Hespanha um valente e aguerrido soldado,

oriundo das montanhas asturianas; vinha do novo mundo, já livre do serviço patrio, trazendo, como riqueza, um grande pedaço d'ouro que era, relativamente á pobreza de sua familia, uma verdadeira fortuna.

O bom do soldado, vinha tão contente com a sua carga e tão impaciente por chegar á sua querida e muito almejada aldeia, para tirar da miseria os seus parentes, que não chegou a considerar que aquelle grande pedaço de metal valioso mas toco, ser-lhe-hia difficil de trocar entre os solitários habitantes das montanhas; e, sem outro cuidado, gastando em comidas e pousadas o pouco dinheiro que trazia, chegou á sua aldeola, emfim. Era esta composta d'umas vinte casas reunidas nas cumiadas d'um monte escuro e abrupto, cercado em suas fraldas por nogueiras e castanheiros, e tão embrenhada estava entre penhascos, que a não ser das aguias, de pessoa alguma havia sido visitada.

Chegou o soldado ao seu logar e depois d'aquellas justas e alegres expansões da familia e d'um passeio triumphal por entre visinhos e companheiros, veio a occasião das especulações financeiras, e, com toda a prosapia e engrandecimento do caso, puxou o nosso viajante do colossal pedaço d'ouro.

Foi então bonito ver as exclamações dos rapazes, o persignar das velhas e o regosijo de toda a familia, que se julgava completamente poderosa ao ver-se senhora de tão immensa riqueza. Passou tambem o turno das alegrias inesperadas, e, uma vez só a familia do soldado, começou a planear sobre o seu futuro engrandecimento; houve profunda deliberação sobre os meios, e por ultimo conveio-se em comprar-se bons predios e campos que se vendiam na localidade, concordes todos em que sem sairem d'aquelles queridos e afastados logares podiam chegar a um completo bem-estar.

Porém aqui é que foram ellas; o pedaço d'ouro era certamente um caudal de inestimavel valor, e poder-se-hia ter com elle comprado todo o termo do povo; mas nenhum dos que foram chamados para tratar da venda de suas terras ou de suas rezes se aveio a tomar em troca dos formosos campos ou das bem mantidas vaccas, aquelles valiosos fragmentos; a natural desconfiança do montanhez, a novidade do caso e um temor justificado na sua maliciosa ignorancia, fazia-os duvidar da sua legalidade, da exactidão do seu pezo e attendendo-se ao conhecido, nenhum dos vendedores quiz com elle contractar; e por mais que o pobre do soldado jurasse e tornasse a jurar, todos pediam pelos seus bens, hõas libras ou corõas e ainda patacos, e não *cacos doirados*, como poeticamente designavam o grande pedaço d'ouro.

O soldado, que não quiz partil-o sem ter a certeza de que receberiam os fragmentos como moeda corrente, chegou desesperado a offerecel-o todo inteiro, só com a condição de lhe darem quatro geiras de terra; mas tudo foi inutil; o pedaço d'ouro, inteiro e valioso, ficou em poder da misera familia, que se via desamparada, tendo nas arcas uma fortuna quasi real.

Decorreu algum tempo e o soldado, certo de que havia de conseguir melhorar a sorte dos seus, emprehendeu uma viagem pelas montanhas até á mais proxima cidade asturiana, levando comsigo o ouro para trocar onde melhor lhe conhecessem o valor. Porém, a viagem era uma verdadeira teme-

ridade: barrancos, abysmos, desfiladeiros, neves, desertos, fêras, emfim, todo o genero de contrariedades havia a vencer para chegar á cidade, e para cumulo, carregando ás costas com um peso bastante regular e sem outro recurso para alimentar-se a não ser a caridade dos pastores d'aquellas serras e algumas provisões que comsigo podesse levar; nada despersuadiu o viajante, e com o pedaço d'ouro perfeitamente sujeito ás espadas, seguiu a sua marcha atravez os montes.

(Conclue).

Faria Junior.

Contemplações

M. H.

Tu és da vida meu fanal brilhante
Meigo e constante que meus passos guia,
Tens o condão de me dares bonança.
—Terna esperanza de possuir-te um dia.

O teu sorriso que m'atrahe, encanta,
Mimosa planta que meu peito enleia,
Ao contemplal-o, que soffri me esqueço
Quasi endoideço, offuscando a ideia!

E divisando o teu brilhante olhar,
—Meigo luar, que só inspira encanto;
Eu fico immerso em subtil magia
E em poesia me inebrio tanto!...

E quando vejo o teu corpinho leve,
Busto de neve, que convida amar,
Eu fico extatico, tranquillo, quedo,
Sentindo medo se me falta o olhar!

Tu és da vida meu fanal brilhante
Meigo e constante que meus passos guia,
Tens o condão de me dares bonança
—Louca esperanza de possuir-te um dia.

Vianna—86

R. Pereira.

Ridendo...

Um amigo de Prudhon soffre o desgosto de ver morrer na flôr da idade um bur.o de grande estimação.

—Ah! exclama, se eu fosse rico faria um enterro sumptuoso ao pobre animal.

Prudhon compungido:

—Console-se, meu amigo: cada um enterra seu pae conforme póde.

*

Um bebedo incorregivel protesta solemnemente á mulher que não tornará a embriagar-se.

No dia seguinte apparece em casa mais bebedo do que nunca.

—Oh! exclama a esposa indignada, pois tu tens coragem de vir n'esse estado para casa, depois de me dizeres hontem que tinhas verdadeiro horror ao copo?!

—É verdade, filha, por isso bebi hoje... pela garrafa.

K.

HORAS D'OCIO

Charadas

Premio ao 1.º decifrador que enviar a decifração a G. Caetano, R. da Veronica 146 r/c, no praso de dez dias—«O Escandalo»—offerecido pelos auctores

Sou um tributo mourisco
pois não o posso negar
apesar de tal tributo
já hoje se não pagar—2

E' na França que m'encontras
e não em outro paiz
procura, busca, cogita
para achar o que 'sta diz—1

No caso de decifrares
ficas logo convidado
a arranjar os peixinhos
p'ra se fazer o guisado.

Lisboa. *Freitas & Caetano.*

Aos mestres

Premio:—Almanach do Cosinheiro, ao primeiro decifrador

Se na terra brazileira,
O meu leitor procurar
Encontra planta rasteira,
Que tambem sobe pr'o ar.—2

Esta agora, com certeza,
E' nome pouco vulgar,
Cá na terra portugueza;
Ou mesmo nas d'alem-mar.—2

O todo, é pedra dura,
Que por certo vão achar,
Em cima da sepultura,
D'algun nobre titular.

Vizeu. *Pequeno Antoninho.*

Em losango

Por causa da consoante . . .
Já estive a minha pessoa . . .
Sem vista, (coisa irritante!) . . .
N'uma queixa pouco boa. . .
E se na opinião allegorica, . . .
Houvesse um homem assim . . .
Uma ave encontrarão, . . .
Que, em o tendo por patrão, . . .
Dava esta vogal, a mim.

Castello Branco. *A. Meruje.*

Ao exc.º snr. F. A. da Silva Araujo

Não quero demora—1
Por ser musical—1
De pau ou de ferro—1
E' medicinal.

Braga. *Ferreira Campos.*

Enigma

Meu todo tem oito letras
tambem cinco podem ser
as vogaes duas ou cinco
isso lá como entender

Consoantes, tres somente
aqui deve encontrar,
dando todas reunidas
diligioso manjar.

Lisboa. *G. Caetano.*

Este pequeno na biologia é terrivel—2—2
No moinho pica este inseto—1—2
Este rio no cotovello e este pronome nas costas
adormece.n—1—1—1—1
Incommoda no livro na arvore e na musica este
artigo da mathematica—1—1—1—1—1.

Castello Branco. *R. de Miranda.*

Logogripho acrostico

(Retribuição)

Ao meu amigo F. T. Xavier Marques, a quem
o auctor offerece, como premio, «O Segredo Terrivel»
2 vol., caso o decifre no praso de dez dias


N'esta ave não vulgar—1,10,2,5,4.
Eu já vi este bichinho—5,10,3,6.
Mel, juntamente com vinho—9,3,10,5,4,10.

Deve outro vinho formar—2,3,10,5,4,7,4.
E como vive no mar—6,5,2,10.
No Oriente achará—7,10,4,3.
Tambem vegetal verá—6,5,7,6.
Vqui, pedra deve ver—3,6,8,11,10.
Do mar um peixe, quer crêr?—4,1,9,10,5,6.
Vmphibio animal será—2,10,11,7,6,5.

A vida é pois para mim,
estrada cheia d'abrolhos;
dir-te-hei, leitor, por fim:
o todo é parte dos olhos!

Lisboa. *G. Caetano.*

Decifração das charadas do n.º 4

1.ª Mythologo — 2.ª Rozario — 3.ª  4.ª Canafistola—5.ª Adagada — 6.ª Notorio—7.ª Remirar—8.ª Papeleira—9.ª Macapão—10.ª Vitella — 11.ª Socos — 12.ª Martinha—13.ª Capilé—14.ª Talagarça—15.ª Anzol—16.ª Sapo — 17.ª Missa—18.ª Judith.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos bondosos assignantes, que se acham ainda em debito, a fineza de mandarem satisfazer as suas assignaturas.

Braga—Typ. de Sá Pereira—1886.